# A Lontra Reboleta

Era tão tarde e ainda não estava pronta para sair da toca!

Havia dias em que tudo era complicado. Tantos afazeres, tantas vidas a resolver!

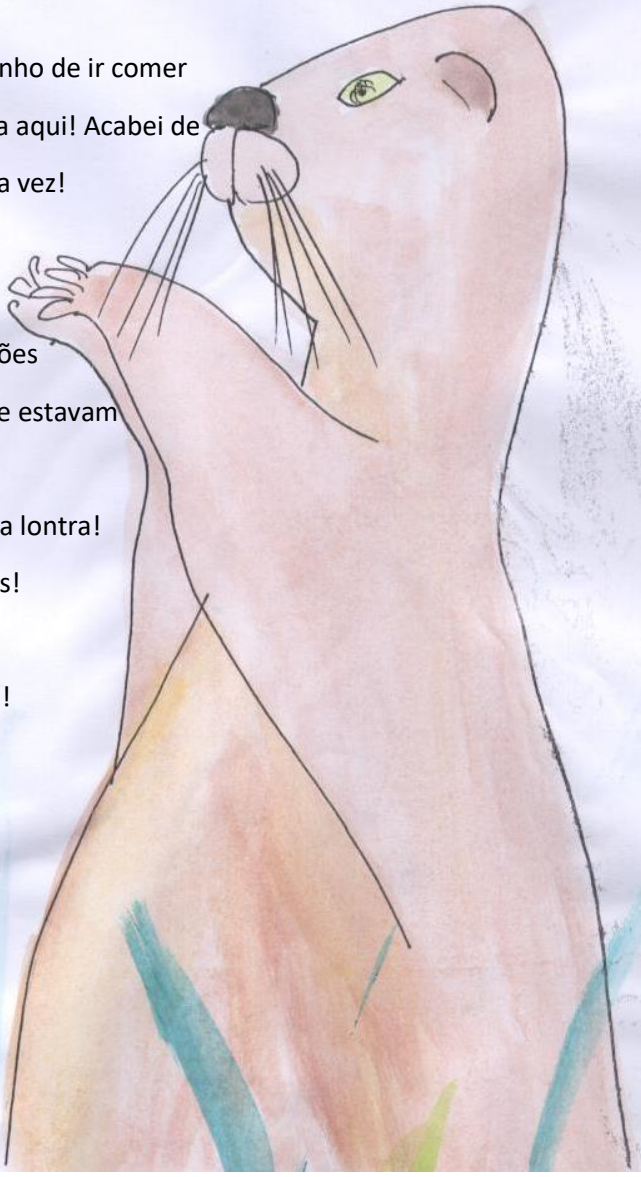
- Arre! Estou tão atrasada!

A Lontra Reboleta, assim chamada por batismo nas águas das Fragas da Penavilheira por não estar quieta a tentar morder o rabo, a rebolar-se na água e a mergulhar por entre as pedras gastas pela passagem do rio, fazia jus ao nome por ser arisca e por andar sempre embufada e apressada.

As suas amigas, que eram muito mais calmas, quando a viam chegar logo diziam:

- Arre… acautelem-se! Está a chegar a tempestade! – e as águas abanavam tanto que o rio quase mudava de curso, não fosse a sua teimosia em correr para se encontrar com o rio Douro.

Estava a Lontra Reboleta atarefada nos seus pensamentos quando ouviu um barulho estranho junto à sua entrada. Pôs o focinho e os bigodes de fora da toca e com muito cuidado tentou perceber o que se passava. De imediato ficou chateada!



- Logo agora que começa a escurecer e que tenho de ir comer

é que havia de vir este incauto passear-se para aqui! Acabei de

limpar a casa e lá vem ele sujar-me tudo outra vez!

Entupiu-me a entrada na semana passada

e fez-me limpar as janelas por três vezes!

Arch! Estou para explodir! – e deu dois rebolões

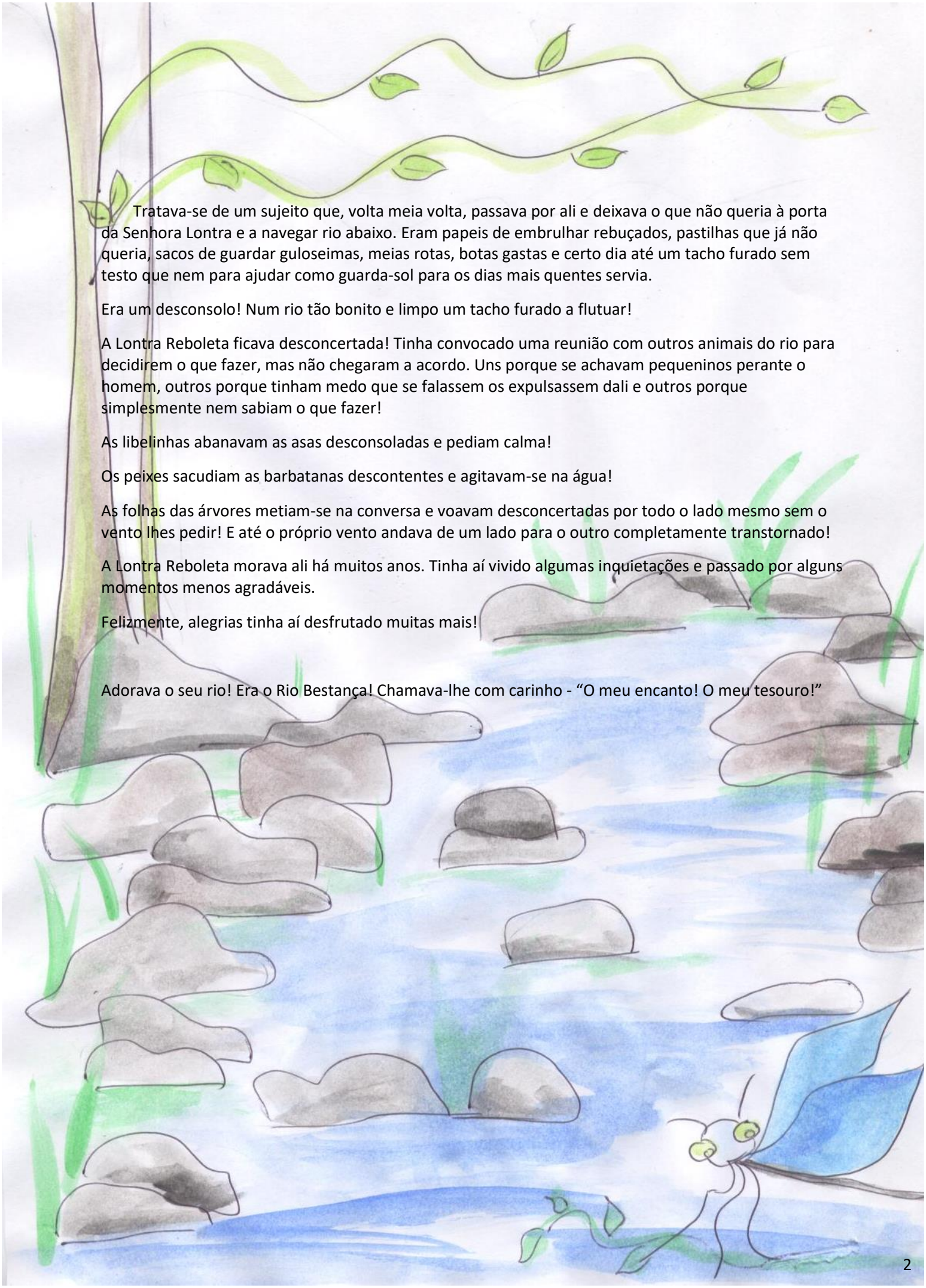
na água e molhou as asas a duas libelinhas que estavam

ao fresco a conversar.

- Arre! Escusava de nos molhar as asas senhora lontra!

O metediço também nos vai trazer transtornos!

E não deixavam as bichanas de ter a sua razão!



Tratava-se de um sujeito que, volta meia volta, passava por ali e deixava o que não queria à porta da Senhora Lontra e a navegar rio abaixo. Eram papeis de embrulhar rebuçados, pastilhas que já não queria, sacos de guardar guloseimas, meias rotas, botas gastas e certo dia até um tacho furado sem testo que nem para ajudar como guarda-sol para os dias mais quentes servia.

Era um desconsolo! Num rio tão bonito e limpo um tacho furado a flutuar!

A Lontra Reboleta ficava desconcertada! Tinha convocado uma reunião com outros animais do rio para decidirem o que fazer, mas não chegaram a acordo. Uns porque se achavam pequeninos perante o homem, outros porque tinham medo que se falassem os expulsassem dali e outros porque simplesmente nem sabiam o que fazer!

As libelinhas abanavam as asas desconsoladas e pediam calma!

Os peixes sacudiam as barbatanas descontentes e agitavam-se na água!

As folhas das árvores metiam-se na conversa e voavam desconcertadas por todo o lado mesmo sem o vento lhes pedir! E até o próprio vento andava de um lado para o outro completamente transtornado!

A Lontra Reboleta morava ali há muitos anos. Tinha aí vivido algumas inquietações e passado por alguns momentos menos agradáveis.

Felizmente, alegrias tinha aí desfrutado muitas mais!

Adorava o seu rio! Era o Rio Bestança! Chamava-lhe com carinho - “O meu encanto! O meu tesouro!”

Os pais tinham-se mudado para lá quando jovens pois acharam ser um bom lugar para criar os filhos. Havia trabalho, a água era boa, alimento não faltava, a vizinhança era simpática, raramente eram incomodados por intrusos e os miúdos tinham muito onde brincar.

Quando a Reboleta nasceu já o seu irmão mais velho conhecia o rio desde o Montemuro à sua foz junto do rio Douro e foi num piscar de olho que a pequena lhe conheceu todos os cantos, todos os tufos de ervas fofas e esconderijos mais peculiares!

Como era muito irrequieta, não parava sossegada! Nadava rio acima, rio abaixo e todos os animais a conheciam e achavam divertida! Era mesmo uma Lontra engraçada, brincalhona e muito alegre!

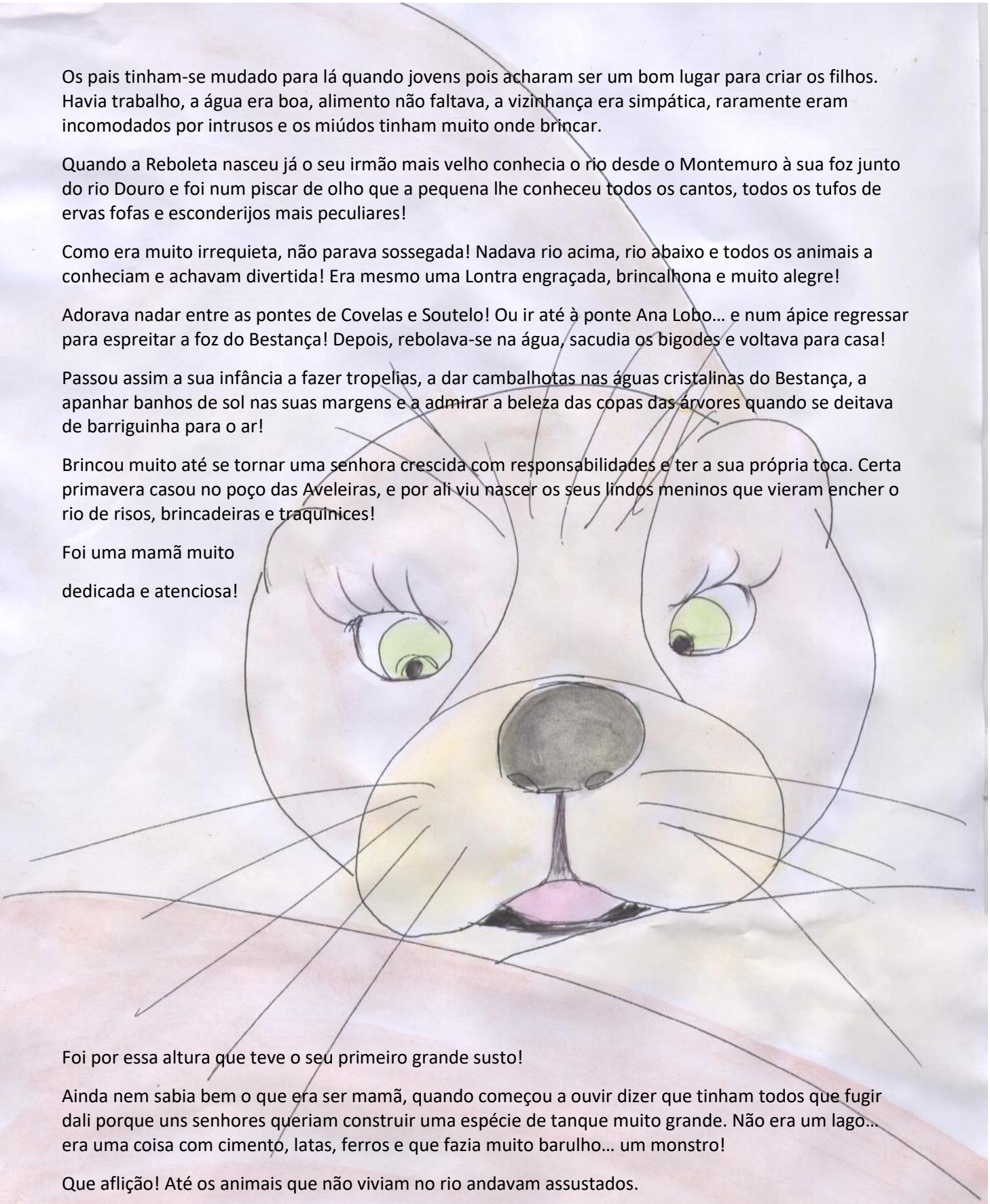
Adorava nadar entre as pontes de Covelas e Soutelo! Ou ir até à ponte Ana Lobo… e num ápice regressar para espreitar a foz do Bestança! Depois, rebolava-se na água, sacudia os bigodes e voltava para casa!

Passou assim a sua infância a fazer tropelias, a dar cambalhotas nas águas cristalinas do Bestança, a apanhar banhos de sol nas suas margens e a admirar a beleza das copas das árvores quando se deitava de barriguinha para o ar!

Brincou muito até se tornar uma senhora crescida com responsabilidades e ter a sua própria toca. Certa primavera casou no poço das Aveleiras, e por ali viu nascer os seus lindos meninos que vieram encher o rio de risos, brincadeiras e traquinices!

Foi uma mamã muito

dedicada e atenciosa!



Foi por essa altura que teve o seu primeiro grande susto!

Ainda nem sabia bem o que era ser mamã, quando começou a ouvir dizer que tinham todos que fugir dali porque uns senhores queriam construir uma espécie de tanque muito grande. Não era um lago… era uma coisa com cimento, latas, ferros e que fazia muito barulho… um monstro!

Que aflição! Até os animais que não viviam no rio andavam assustados.

As ovelhas, as cabras, as vacas, os cães, os coelhos, os pássaros… parecia até que alguns humanos também estavam aterrorizados! Foram uns tempos trágicos.

A Lontra Reboleta adoeceu, teve uma depressão e ficou três meses fechada na toca. Os meninos tiveram de ficar em casa dos avós até a mamã recuperar e não puderam desfrutar do rio durante aqueles meses! A mamã lontra ficou muito triste e os meninos sentiram muitas saudades dela e do rio!

A Lontra Reboleta acabou por recuperar, mas não perdeu a preocupação com o lindo rio onde vivia e com o que poderia um dia vir a acontecer-lhe. Foi-se ficando receosa com tudo o que via, com tudo o que ouvia e tornou-se um pouco rabugenta. Passou a zangar-se por tudo e por nada e tornou-se espantadiça!

O médico das lontras receitou-lhe um xarope para a má disposição e irritabilidade e aconselhou-a a ir uns dias até às Pias e passar uma temporada na zona dos Moinhos das Cinco Rodas. Era um sítio lindo e na altura moravam por lá muitas trutas pelo que conversa não lhe faltaria!

Não se sabe se aceitou a sugestão do médico, mas por uma fotografia que tinha na cómoda, sabe-se que passou pelo menos uns dias num lugar conhecido como o Prado, mesmo juntinho ao rio a apanhar banhos de sol. Era uma linda fotografia da Reboleta descontraída com o seu chapéu de abas largas e os seus bonitos óculos de sol!

Com o passar do tempo, as crianças cresceram, viajaram, fizeram-se à vida e a Reboleta por ali foi ficando a saborear as águas do rio e a apreciar a brisa do vento que sempre por ali passava.

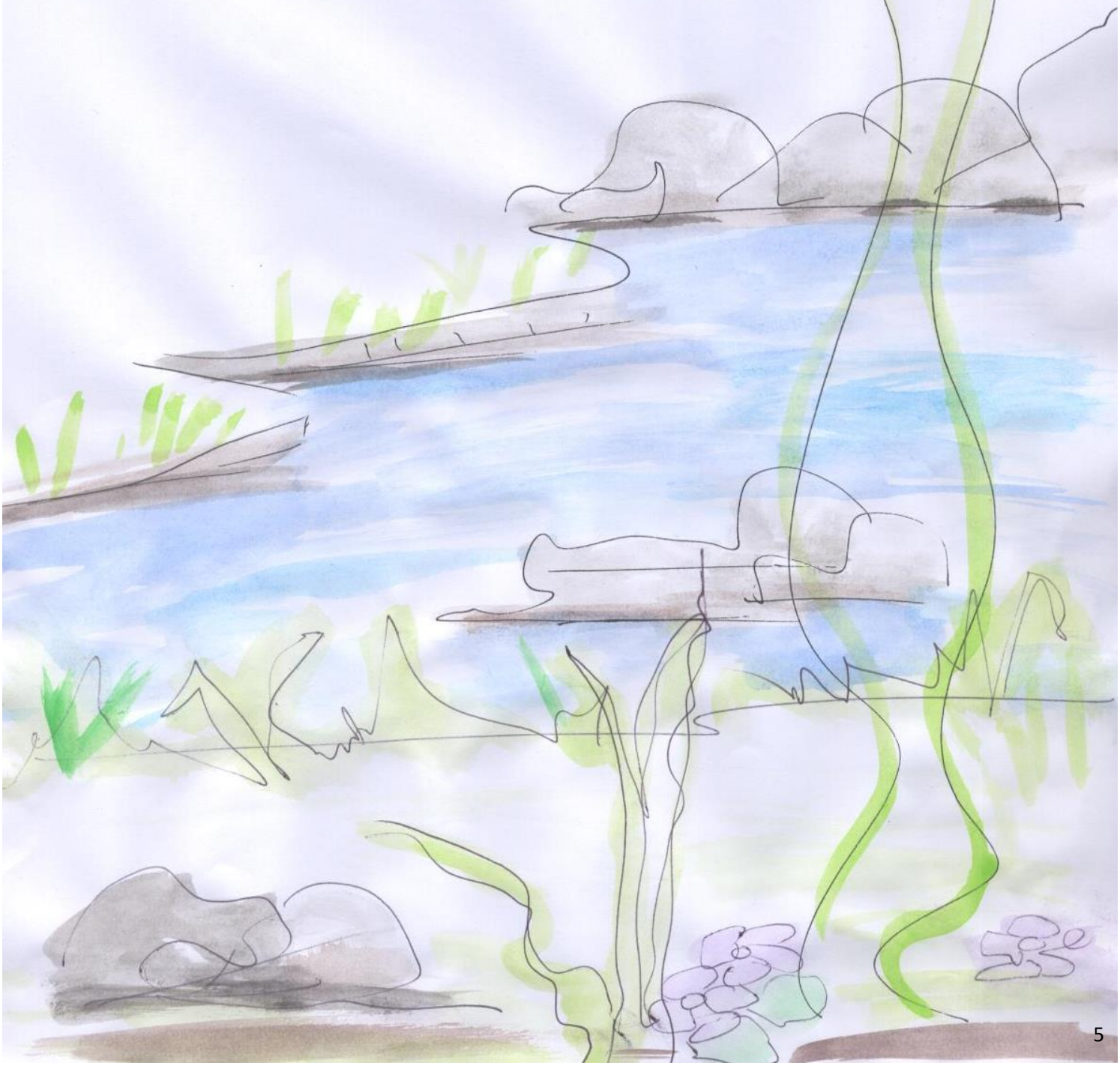
A vida voltou a assustá-la! Regressaram os rumores sobre as máquinas que queriam vir, os homens que queriam cortar as árvores, os lares que iam desaparecer… enfim, tragédias e tragédias que tiravam qualquer animal do sério.

Os peixes zangados decidiram ir viver para outro lado.

Os vizinhos também começaram a mudar-se. Os ginetes fizeram as malas e emigraram, as raposas nem se viam, os lobos desapareceram, os lagartos e as salamandras nem queriam sol e as libelinhas escondiam-se por baixo das ramagens em vez de bailarem contentes, como sempre faziam.

Voltaram a ser tempos difíceis.

A Reboleta não queria sair dali! Era o seu rio Bestança! Gostava dele e tencionava defender a sua casa!



Mais uma vez percebeu que os humanos também andavam baralhados e confusos entre eles.

Uns queriam voltar às máquinas e outros queriam acabar com elas.

Uns achavam que as lontras eram parte da alma do rio, com árvores, libelinhas, peixes e água a correr velozmente a saltar pedrinha a pedrinha e penedo a penedo até chegar onde queria, outros não achavam nada!

Uns queriam o tanque e outros queriam as estrelas à noite com o som das águas a correr e o vento a passar por entre as folhas das árvores!

Uns queriam as máquinas e outros queriam o rio!

Os animais juntaram-se. Não sabiam o que fazer. A Lontra Reboleta deitava as mãos à cabeça! O seu rio… o seu rio a morrer…

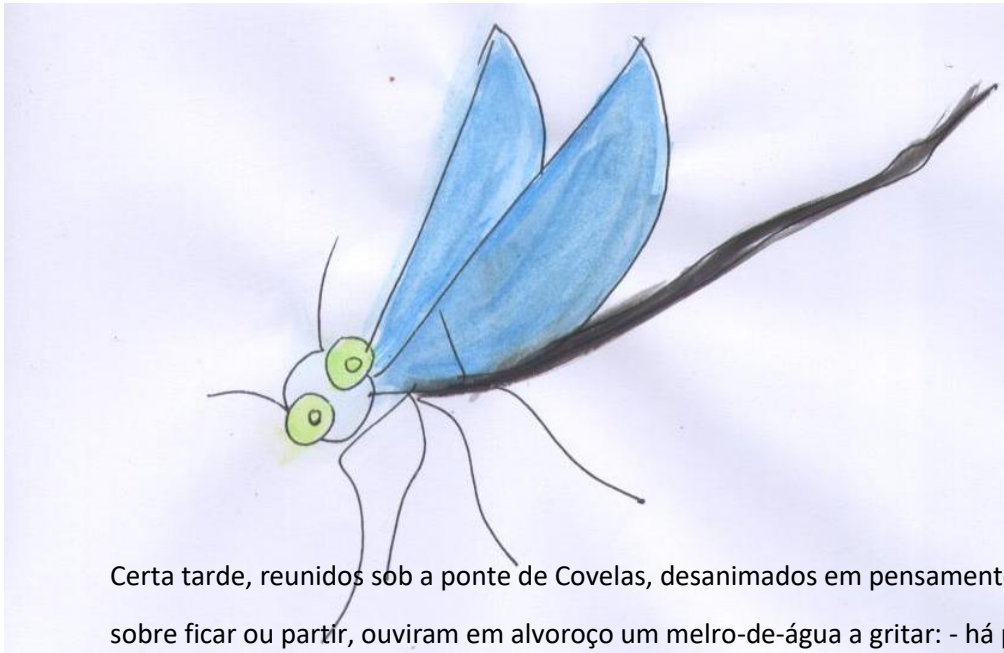
- Temos de o salvar! – gritava ela. E zangada dava duas a três voltas na água, e molhava as libelinhas que depois tinham de secar as asas ao sol.

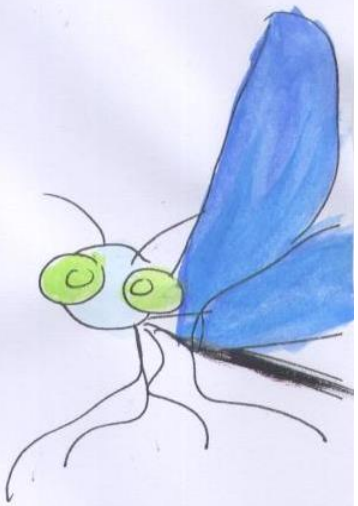
- Arre, Senhora Lontra, tenha cuidado! – Pediam elas. - Arre!

- Temos de salvar o rio – continuava a Lontra… e mais duas e três voltas na água…

- Arre, arre, arre Senhora Lontra! As nossas asas!

E passaram assim a ser os dias!





Certa tarde, reunidos sob a ponte de Covelas, desanimados em pensamentos

sobre ficar ou partir, ouviram em alvoroço um melro-de-água a gritar: - há peixe,

há peixe! Há peixe, há peixe!

- Cala-te lá, ó abelhudo! – ordenou o ginete.

- Pouco barulho! – falou o texugo.

- Silêncio! – resmungou a Reboleta zangada.

- Há peixe, há peixe! – voltava a dizer o melro quase sem folgo. – Há peixe!

E parecia louco a voar aos círculos.

- É verdade, há peixe. – Aventurou-se o javali a mostrar-se e a falar por entre os ramos – vi uns homens a lançar trutas no rio… há peixe… há outros animais a voltarem… - e dito isto logo desapareceu com medo de ser visto e apanhado pelos humanos.

Assim era!

Também os homens se tinham encontrado e conversado sobre as máquinas e a beleza do rio.

O coração deles alegrou-se ao imaginá-lo cheio de vida, de peixes, de aves, de lontras, de libelinhas, de tesourinhas, de salgueiros… dos banhos que antes ali tomavam….

Sentiram-se tão contentes que decidiram ajudar a preservá-lo. Resolveram criar passeios para o admirarem, espaços para brincarem nas suas águas, lugares para fotografar as suas plantas e os seus animais…

O rio parecia estar a salvo e estavam todos felizes com essa ideia,

homens e animais!

A Lontra Reboleta voltou a sossegar o seu coraçãozinho mas...

como se tornara irritadiça… lá se chateou outra vez!

Tinha ganho o hábito de rabujar! Já nem sabia viver sem torcer o sobrolho

e mostrar um certo ar de incómodo…

Agora que tudo estava bem… tinha de encontrar motivos para se chatear!!!

E que motivo foi ela buscar!... “Todos a queriam fotografar!”

No início até achou graça!

Era pose para aqui, pose para ali, sorriso de lado,

sorriso de frente, barriga para cima, barriga para baixo, ora de lado ora de costas…

era uma celebridade! Uma lontra com uma certa importância!!!…

Aconteceu que um dia, tinha acabado de se levantar e ainda nem a cara tinha lavado

quando um “flash” disparou direitinho a ela.

Foi o colapso da sua carreira fotográfica!

Como era possível que aquele atrevido lhe tenha tirado uma fotografia

com o pelo encrespado, os bigodes em desalinho e a cara ensonada?!!! Era um absurdo!

Uma insanidade!

Irritada por ter ficado despenteada na fotografia, deu duas cambalhotas na água, soltou dois grunhidos, voltou a rebolar-se e a partir daquele dia não se deixou mais ver, nem fotografar!

- Grunf! Grunf! – fez ela.

Há até quem pense que agora não moram lontras no rio…

A vida do rio mudou para melhor. Passou a ter dias mais felizes!

Apareceram meninos e meninas a querer brincar com as libelinhas, a querer chapinhar na água, a procurar as lontras, os ginetes, as salamandras, as borboletas coloridas e todas as outras beldades que se refrescam no rio Bestança.

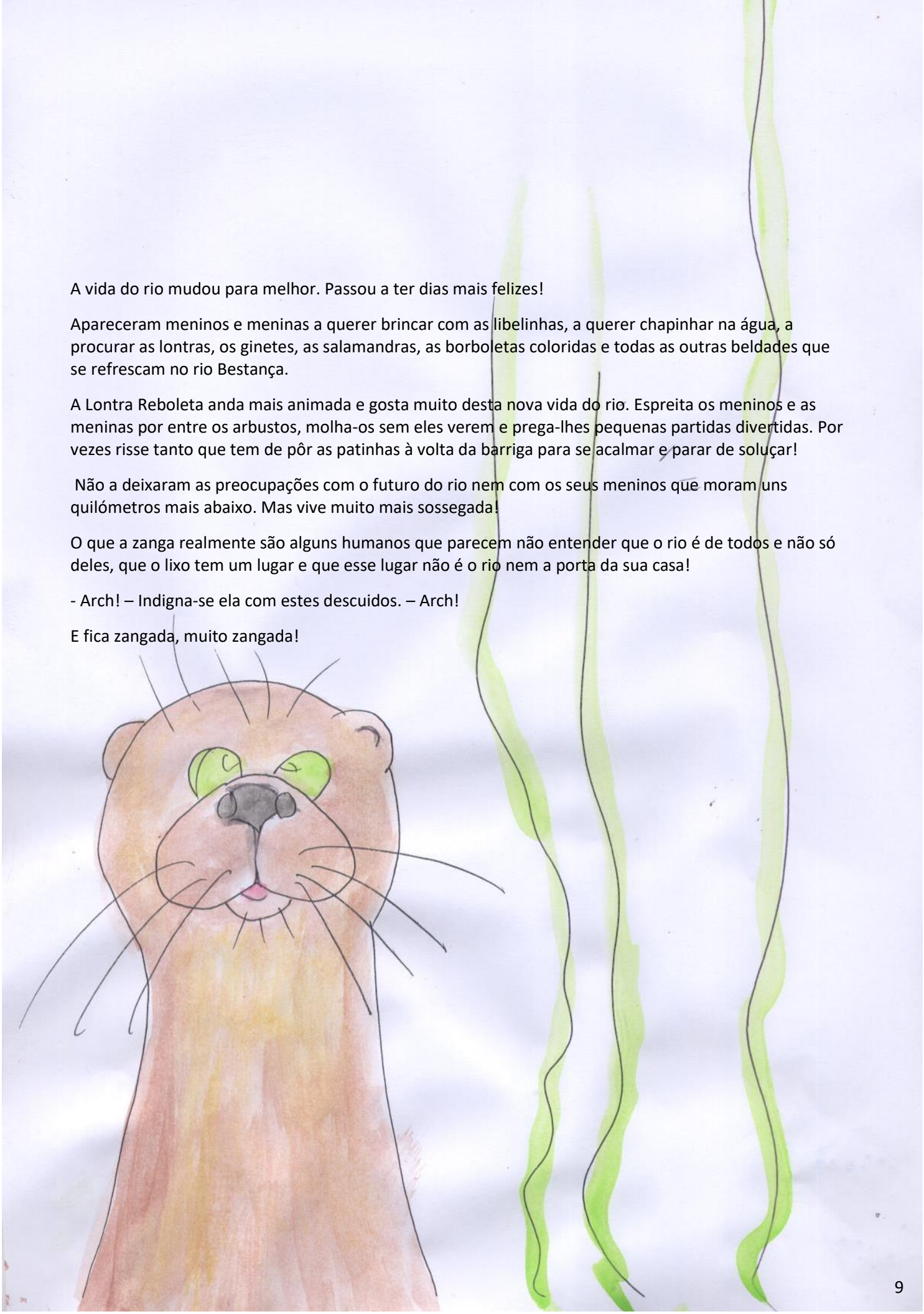
A Lontra Reboleta anda mais animada e gosta muito desta nova vida do rio. Espreita os meninos e as meninas por entre os arbustos, molha-os sem eles verem e prega-lhes pequenas partidas divertidas. Por vezes risse tanto que tem de pôr as patinhas à volta da barriga para se acalmar e parar de soluçar!

Não a deixaram as preocupações com o futuro do rio nem com os seus meninos que moram uns quilómetros mais abaixo. Mas vive muito mais sossegada!

O que a zanga realmente são alguns humanos que parecem não entender que o rio é de todos e não só deles, que o lixo tem um lugar e que esse lugar não é o rio nem a porta da sua casa!

- Arch! – Indigna-se ela com estes descuidos. – Arch!

E fica zangada, muito zangada!



Logo hoje que estava atrasada para o seu jantar é que se passeava um senhor muito descuidado e pouco polido pelas margens do rio e tão próximo da sua casa!

Ia ter de se esconder para evitar ser alvo de espanto e fotografias e ainda teria de apanhar os papeis de rebuçado que ele deixava sempre que por ali passava! Era um senhor muito descuidado!

A Lontra Reboleta estava deveras chateada! Até os bigodes lhe tremiam!

Rebolou-se três vezes para tentar libertar a sua raiva, soltou dois soluços e bateu com as patinhas na água com toda a sua força! Acabou por irritar os vizinhos… voltou a molhar as asas das libelinhas!...

- Arre Senhora Lontra, isto tem de acabar! Arre! – voltaram elas a reclamar. - Isto tem de acabar!

E com isto gerou-se uma tal confusão que o javali teve de mostrar-se para impor algum respeito e silêncio no lugar! Deu um ronco estrondoso e disse com ar muito decidido: - ordem, ordem neste rio!

Como por vezes “há males que vêm por bem”, esta aparição assustou muito o senhor descuidado!

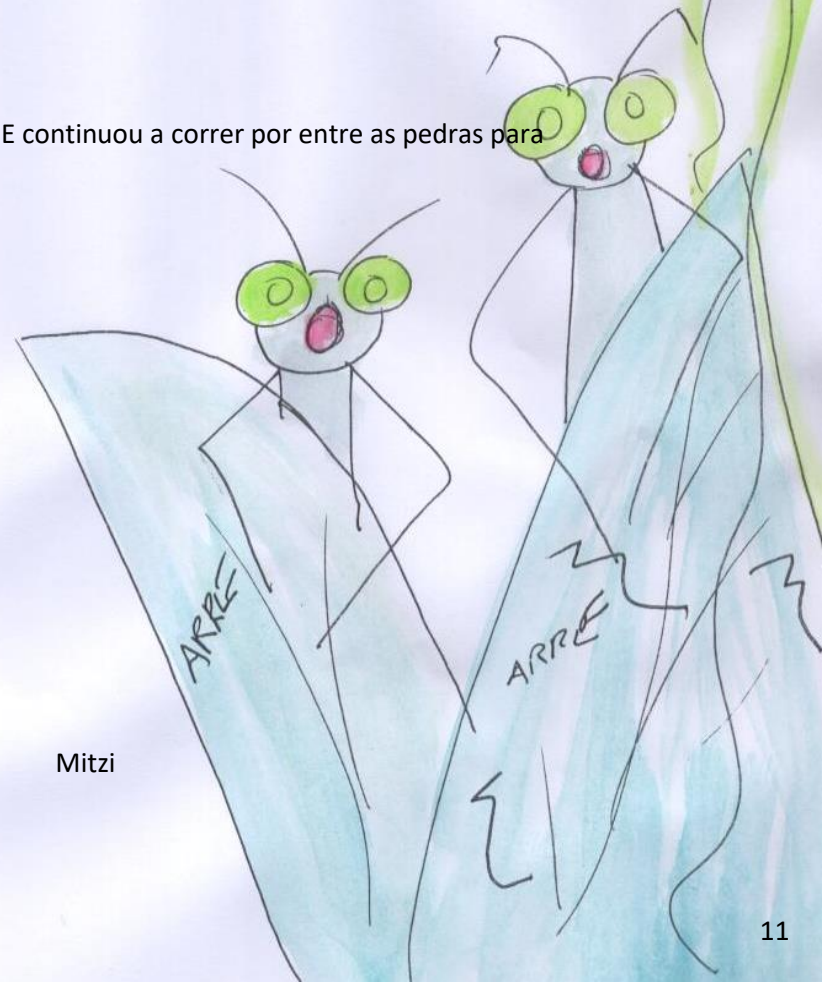
Tanto, tanto que ele saiu dali a correr e nunca mais voltou!

- Ufa! – respirou desta vez a Lontra Reboleta aliviada – Ufa! Até que enfim que vou jantar!

- Arre – disseram as libelinhas.

- Hum! – grunhiu o javali.

- Estou feliz! – suspirou o rio com um sorriso. E continuou a correr por entre as pedras para se ir encontrar com o rio Douro!




Mitzi